

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

O livro didático Ápis e as suas concepções de alfabetização

Nádila Ferreira Peres

Porto Alegre, RS
2º semestre
2023

NÁDILA FERREIRA PERES

O livro didático Ápis e as suas concepções de alfabetização

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Thaise da Silva

Porto Alegre, RS
2º semestre
2023

O livro didático Ápis e as suas concepções de alfabetização.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de licenciada em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pedagogia obtendo conceito B.

Porto Alegre, 31 de janeiro de 2024.

Profa. Dra. Thaise da Silva
Orientadora

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Luciana Piccoli
Banca Avaliadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Liziana Arâmbula Teixeira
Banca Avaliadora
Assessora Municipal de Amambaí/MS

“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”. (Paulo Freire)

Dedico este trabalho de conclusão da graduação, aos meus pais e minha irmã que muitas vezes incentivaram e ajudaram para que fosse possível a concretização deste trabalho e a realização deste sonho. Obrigada pelo carinho, paciência e pela capacidade de me trazerem paz na correria de cada semestre. Dedico ainda as minhas colegas e amigos que sempre me auxiliaram e me apoiaram nos momentos críticos durante essa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

A minha orientadora Profa. Dra. Thaise da Silva pela orientação, dedicação, paciência e, principalmente, pela amizade durante todo o processo.

Também em especial a minha mãe Niva Inez que me ajudou em todas as minhas tarefas ao longo da graduação, me apoiando e incentivando a não desistir.

Enfim, sou grata a todos que direta ou indiretamente fizeram parte dessa etapa decisiva em minha vida, o meu muito obrigado.

RESUMO

Os livros didáticos se fazem presente desde muito cedo na vida escolar. Partindo desse pressuposto, este trabalho tem como objetivo analisar quais concepções de alfabetização estão presentes nos livros didáticos na atualidade que são distribuídos pelo Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD 2023-2026). O recorte temporal escolhido para esta pesquisa foi do ano de 2023 e tem como base o livro mais escolhido pela rede municipal de Porto Alegre/RS. Sendo assim, a ferramenta metodológica utilizada nesta pesquisa foi uma análise qualitativa do tipo documental e o material de análise foi o Manual do Professor do primeiro ano do Ensino Fundamental da coleção Ápis Mais. A base teórica desta investigação foram os estudos sobre alfabetização e letramento. Percebe-se que as concepções que têm orientado a produção destes materiais são os que norteiam o Plano Nacional de Educação (PNA) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Por fim, conclui-se que o material didático está adequado diante do que se é proposto para a primeira etapa da alfabetização, levando em consideração que o PNLD é um programa brasileiro que está sempre se atualizando.

Palavras-chave: Livro didático; Alfabetização; Anos Iniciais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	13
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DE ANÁLISE	19
2.1 CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO	19
2.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS	25
3 ANÁLISE DO LIVRO ÁPIS MAIS	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

A origem do livro didático está estreitamente ligada ao nascimento e à expansão dos sistemas nacionais de educação, ao longo dos dois últimos séculos (Benito, 1997). Embora saibamos que a instituição escola é muito mais antiga, nos moldes como a temos hoje, foi uma invenção da Modernidade. Ela surge como sendo o espaço responsável pela detenção e propagação da “alta cultura” – o melhor que já se pensou e disse em uma sociedade –, e contou com o livro didático durante muito tempo para a difusão desse saber.

Segundo Bertoletti e Silva (2016) desde a chegada dos jesuítas e a abertura da primeira escola no Brasil, os livros didáticos se fazem presentes, tornando-se parte importante da cultura escolar.

Os livros escolares trazem consigo a história e os discursos que marcaram cada fase do ensino em nosso país, sendo artefatos importantes para o desenvolvimento de pesquisas. No entanto, o caráter instrumental do livro didático e sua modéstia em relação aos demais livros, fez dele, por muito tempo, um objeto de pouca atenção e, conseqüentemente, um objeto de pesquisa muitas vezes de difícil acesso (Puelles Benítez, 2000). Como lembra Tiana Ferrer (2000), apesar da longa história do livro didático no campo educacional, esse material foi concebido como eminentemente instrumental. O fato de ter sido relegado a um objeto de segunda categoria talvez justifique as poucas pesquisas desenvolvidas envolvendo este objeto de estudo.

Por ser um objeto presente nas escolas de todo o país e disseminador de discursos que ganham visibilidade e circulam em cada momento histórico e social, surge o interesse em analisar quais concepções de alfabetização estão presentes nos livros didáticos em circulação no período de 2023 a 2026 que são distribuídos pelo Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) apoiando a prática educativa das escolas públicas.

Considerando que o livro didático faz parte do cotidiano escolar (Oliveira; Guimarães; Bomény, 1984, p. 111) e que através deles muitas escolas se baseiam para desenvolver práticas, planejamento, avaliações... faz-se necessário pensar sobre a forma como suas propostas de alfabetização são elaboradas. Para Molina (1987, p. 17):

todo livro em princípio, presta-se a ser utilizado para fins didáticos, isto é, em situação deliberadamente estrutural com objetivo de ensinar algo a alguém. Isso não significa, entretanto, que qualquer livro utilizado para fins didáticos possa ser considerado um livro didático.

Amparada no conceito defendido por Molina, nos propomos a analisar o livro didático mais solicitado pelas escolas da rede municipal de Porto Alegre para as turmas de primeiro ano do Ensino Fundamental, na área de alfabetização. A identificação desse material ocorreu a partir de uma listagem fornecida pelo site do Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD), órgão do governo responsável pela seleção e distribuição dos materiais de forma sistemática, regular e gratuita.

Outro motivo que contribuiu para a definição do objetivo desta pesquisa, foi lembrar da minha própria alfabetização e da minha trajetória como educanda, na qual os livros didáticos eram muito difíceis de serem encontrados e, diante disso, um objeto de fascínio. Cada entrega feita pela instituição de ensino transformava-se em um evento familiar, todos envolvidos na tarefa de encapar e cuidar do material que não podia ser riscado, desenhado ou se quer colorido, pois, no final do ano, deveria ser devolvido para ser reutilizado, no ano seguinte, por outros alunos.

Me recordo que os livros eram coloridos, com tarefas de completar palavras e textos para serem lidos. Como não podíamos riscar os livros, copiávamos tudo no caderno. Recordo-me também que uma vez na semana utilizávamos o livro didático para fazer leituras silenciosa e oral com toda a turma, leituras muitas vezes que nem faziam parte da nossa vivência e do nosso cotidiano, tampouco das temáticas das aulas abordadas pelos professores.

Baseada nessas lembranças, penso que o livro didático é um recurso de uso individual e também coletivo, a partir do qual o aluno deve sentir prazer de utilizar, cuidar, rabiscar e colorir, um material rico em descobertas, mas que deve ter uma linguagem própria em sintonia com a região do país em que se está inserido.

Os livros didáticos oferecidos atualmente pelo Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) são livros mais atualizados, comparando com os da década de 1990. Hoje eles são consumíveis, permitindo maior interação entre o estudante e o material. Além disso, percebo a inclusão de um repertório maior de gêneros textuais disponibilizados, dentre eles receitas, bilhetes,

poemas entre outros, que fazem muita diferença para que a criança tenha uma aprendizagem significativa. Mas, também devemos pensar que o livro didático não é potente sozinho, mas sim com a dinâmica utilizada pelos professores, os quais devem extrapolar as barreiras do livro e utilizá-lo como um ponto de partida e, muitas vezes, não necessariamente seguir sua sequência, como se fazia nos tempos de cartilhas, podendo explorá-lo de forma ampla, afinal, os livros nunca vão responder tudo o que os alunos querem aprender, pois as crianças são curiosas e ter o livro didático não dispensa outros recursos planejados.

Todas estas curiosidades e vontades de ter mais contato com os livros didáticos me fizeram sentir desejo de pesquisar mais sobre a temática, atrelando-a à alfabetização dos anos iniciais, que é outro aspecto que tenho interesse em aprofundar meus estudos. É movida por essa curiosidade, que fui em busca da minha professora orientadora, doutora Thaise da Silva, a qual me incentivou e me impulsionou para analisar os livros didáticos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é analisar quais as concepções de alfabetização estão presentes no livro do primeiro ano do Ensino Fundamental mais utilizado pela rede pública municipal de Porto Alegre.

Como questões de pesquisa temos: os discursos da Política Nacional de Alfabetização (PNA) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) têm pautado a elaboração deste material? Outros discursos estão presentes na elaboração deste livro? Quais os discursos são silenciados por este livro? Quais os discursos/teorias são difundidos?

O campo teórico utilizado nesta pesquisa será o dos Estudos sobre Alfabetização e Letramento, tendo como autores de referência Ângela Kleimann, Magda Soares, Artur Gomes de Morais, dentre outros autores que se destacam no cenário nacional.

A metodologia da pesquisa é a qualitativa, em que se fez um estudo de coleta, levantamento e análise de dados. A investigação é do tipo documental, sendo a fonte de dados analisada a obra didática *Ápis Mais - Língua Portuguesa, 1º ano: manual do professor* (Trinconi; Bertin; Marchezi, 2023).

Retomando o tema central desta pesquisa é relevante a reflexão, análise e avaliação dos livros sugeridos pelo Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD), em especial o do ano de 2023. O Programa sugere

que o acesso ao guia digital antes de fazer a escolha da obra literária, uma vez que esta escolha permanece na escola durante três anos e é feita pela equipe de professores e equipe pedagógica, os quais escolhem duas obras e, caso não consigam adquirir a primeira opção, o FNDE envia a segunda obra escolhida.

Ao final deste texto de abertura, é importante esclarecer que este estudo, além desta introdução, está estruturado em outros três capítulos. O primeiro trata da importância do livro didático para o Ensino Fundamental e apresenta um estudo bibliográfico do tema. O segundo aborda o campo teórico e metodológico em que se desenvolve este estudo. O terceiro analisa o livro didático objeto desta investigação e por fim, teceremos as conclusões a partir do que foi verificado.

1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Este capítulo tem como objeto de análise as produções realizadas até o momento no que diz respeito ao que já foi produzido no Brasil sobre os discursos de alfabetização no livro didático para as turmas de alfabetização.

Sobre os estudos do tipo Estado do Conhecimento, Soares (2000) destaca que são pesquisas:

[...] sobre um tema, em determinado momento, é necessária no processo de evolução da ciência, a fim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos, ordenação que permita a indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de duplicações ou contradições e a determinação de lacunas ou vieses. (Soares, 2000, p.7)

Pesquisas científicas deste tipo são fundamentais, pois nos permitem perceber a frequência com que um tema vem sendo pesquisado, se este é inédito ou já foi bem explorado, além de servir de base para a pesquisa em andamento.

Os livros didáticos de alfabetização fazem parte do processo de ensino da leitura e da escrita desde o século XIX. Silva (2012) destaca que foi a partir da segunda metade deste século que começaram a surgir, no país, livros nacionais de leitura destinados especificamente às séries iniciais. Vindo ao encontro desta linha, destacamos também as *cartilhas* que passaram a ser utilizadas com mais regularidade nessas escolas primárias.

Ao longo desse período, o material passou por transformações que permitem compreender como aconteceu o processo de ensino e aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabético (SEA) em nosso país.

Atualmente, o livro didático chega à escola através do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), de responsabilidade do Ministério da Educação (MEC) que se desenvolve junto ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), cuja a finalidade é a compra e distribuição gratuita de livros e materiais didáticos para os alunos de escolas públicas de todo o país. A fim de assegurar a qualidade dos livros didáticos a serem adquiridos, esse Programa desenvolve uma avaliação pedagógica das obras inscritas pelas editoras, para somente depois adquirir e distribuir

gratuitamente os livros didáticos para a Educação Básica pública das redes federal, estadual, municipal e do Distrito Federal (MEC, 2022).

O principal objetivo do PNLD é oferecer material didático adequado para todos os estudantes da rede pública, o que leva a ter uma escolha minuciosa de cada material desde o momento da inscrição das editoras.

Cavéquia e Rezende (2013, p.317) explicam que o Programa “é identificado conforme o ano em que as obras serão universalmente utilizadas pela primeira vez”, sendo efetivada a produção em cada segmento em intervalos de três anos. Considerando o aumento de matrículas e/ou de extravios ou perdas, os livros consumíveis são repostos integralmente todo o ano.

No ano de 2019, o governo federal lançou a Política Nacional de Alfabetização (PNA) com algumas recomendações, sendo que o PNLD precisou adequar suas propostas para alinhá-las à PNA.

Com intuito de verificar a relevância do tema dessa investigação, foi realizada uma revisão dos estudos que tem como propósito localizar os trabalhos de pesquisa dentro da temática da alfabetização a partir dos livros didáticos. Além de uma seleção bibliográfica, analisar os dados obtidos, mesmo que não se aprofundando neles, é importante para que os estudos caminhem de forma a colaborar com a produção científica do país e alcance os objetivos propostos.

Dentro da temática deste estudo, já foram realizadas pesquisas que abarcam esta revisão bibliográfica cujos dados demonstrarei no corpo desta investigação. Cito, de forma breve, os estudos de Soares e Maciel (2000), a pesquisa de Batista e Rojo (2008), a investigação feita por Silva (2012) e Teixeira (2022).

Soares e Maciel (2000), ao realizarem uma pesquisa sobre o Estado do Conhecimento no Brasil entre os anos de 1961 e 1989, identificam uma baixa produção sobre o tema. Segundo as autoras, até a década de 1960, não foi produzido nenhum estudo com o tema cartilhas/livros didáticos de alfabetização, na década de 1970 foram produzidos apenas duas pesquisas, e na década de 1980, dez estudos de um total de 219 trabalhos analisados.

A pesquisa realizada por Batista e Rojo (2008) analisa as produções que envolveram a temática livros didáticos e livros didáticos de alfabetização/cartilhas entre os anos de 1987 e 2003. Para isso, utiliza o Portal

da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Ministério da Educação¹, tendo como descritores as palavras *livro didático*, *manual escolar*, *livros-texto*, *livros escolares*, *cartilhas* e *livros de alfabetização*. Como resultado, foram localizados 229 trabalhos, porém, deste total, apenas 16 delas tratam do tema *cartilhas e livros de alfabetização*, o que corresponde a um percentual de 6,99% do total.

Tendo por base os estudos de Batista e Rojo (2008) e com vistas a complementar o período investigado, Silva (2012) analisa o período entre os anos de 2004 a 2012 (primeiro semestre), utilizando a mesma fonte de busca e os mesmos descritores dos autores acima citados. Os resultados encontrados na investigação foram: 19 teses e 31 dissertações tendo por tema *livros didáticos* e oito teses e 11 dissertações quando o tema trata de livros de alfabetização ou cartilhas.

Se analisarmos os últimos dois trabalhos, o que corresponde ao período histórico que abrange os anos de 1987 a 2012, podemos dizer que, nos últimos vinte e cinco anos, apenas 34 trabalhos foram produzidos dentro da temática cartilha e livros de alfabetização.

Complementando os estudos de Batista e Rojo (2008) e de Silva (2012), optamos por dar continuidade analisando pesquisas referentes à temática no período de 2012 a 2023, tendo como referência os estudos de Teixeira (2022), de 2012 a 2022, atualizando até o momento atual (2023). Desenvolvemos esta pesquisa com os mesmos descritores no mesmo banco de dados utilizados pelos pesquisadores mencionados anteriormente.

Para a inclusão das teses e dissertações que compuseram esse estado do conhecimento adotaram-se os seguintes critérios: (1) teses e dissertações nacionais que abordem a temática do livro didático e alfabetização; (2) Estudos realizados entre o ano de 2013 e 2023. Conseqüentemente foram excluídos estudos: (1) que analisam livros didáticos de componentes curriculares que não são de Língua Portuguesa; (2) que envolvam turmas de 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental; (3) cuja temática distancia-se do proposto no título e/ou resumo, sendo, portanto, divergente ao que se propõe investigar nesta pesquisa; (4) de línguas estrangeiras e; (5) aqueles estudos repetidos, visto terem sido contabilizados apenas uma vez (Teixeira, 2022, n.p.).

A partir da investigação na CAPES, foram encontradas 296

¹ Disponível: <http://www.capes.gov.br>. Acesso: 11 de março de 2022.

pesquisas com os descritores “livro didático” AND “alfabetização”. Após a utilização dos filtros: recorte temporal 2012-2023; tipo de pesquisa: mestrado e doutorado; grande área de conhecimento: ciências humanas; área de conhecimento: educação; área de avaliação: educação; área de concentração: educação; e nome do programa: educação; assunto: alfabetização, restaram 34 pesquisas, das quais foram selecionadas 5 por terem relação com este estudo.

Com os descritores “cartilhas” AND “alfabetização”, foram localizadas 69 pesquisas. Contudo, após a aplicação dos filtros, não foram encontrados trabalhos no portal CAPES que contemplassem o tema desta investigação. Com relação aos descritores “paradidáticos AND alfabetização”, foram identificadas oito pesquisas, porém, após a aplicação dos filtros, verificou-se que nenhuma delas estava relacionada ao tema. Ao lançar a expressão “livros escolares” AND “alfabetização”, foram localizadas 379 pesquisas. Após aplicação dos filtros, restaram 2 e, depois de uma análise individual, constatou-se que nenhuma estava relacionada ao tema. Foram feitas buscas com o descritor “livros de alfabetização”, sendo localizadas 587 pesquisas. Após a aplicação dos filtros, restaram três trabalhos voltados para o tema.

Assim, posteriormente ao emprego dos critérios de seleção, entre teses e dissertações, foram inventariadas 16 pesquisas nas duas plataformas de busca, as quais foram submetidas a uma segunda etapa de análise, que consistiu na leitura do resumo dos trabalhos.

Depois de aplicar os filtros, compilaram-se os estudos selecionados em um quadro, utilizando os seguintes itens: autoria, título, tipo de pesquisa, data de publicação. Tais informações estão apresentadas, aqui, também em formato de quadro.

Quadro 1 – Produções encontradas nos anos de 2012-2023².

Item	Autor	Título	Tipo	Ano
1	Thaise da Silva	Os “novos” discursos sobre alfabetização em	Tese	2012

² Embora as fontes de coletas de dados sejam múltiplas e talvez fosse possível encontrar outros estudos em outras plataformas, optamos por seguir a mesma das pesquisas anteriores para poder estabelecer comparações.

		análise: os livros de 1º do Ensino Fundamental de nove anos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD-2010).		
2	Juliana Clara Pinton	O uso do livro didático de letramento e alfabetização no 1º ano do ensino fundamental	Dissertação	2013
3	Regina Godinho de Alcântara	As relações sons e letras em livros didáticos de alfabetização (PNLD 2010): Limitações e desafios ao encontro de uma abordagem discursiva de linguagem.	Tese	2014
4	Sheina Darc Venturim Cornélio	Perspectiva do letramento: Mudanças e permanências nos livros didáticos de alfabetização.	Tese	2015
5	Vinicius Adriano de Freitas	Letramento, alfabetização e formação cultural (<i>Bildung</i>): sobre métodos, propostas de aquisição da língua escrita e livro didático de alfabetização para o 1º ano do Ensino Fundamental.	Dissertação	2016
6	Estephane Priscilla dos Santos Mendes	A oralidade no Programa Nacional do Livro Didático (1998-2016): critérios de avaliação do perfil dos livros de alfabetização aprovados	Dissertação	2017
7	Francisco Marcos Pereira Soares	Livro didático na prática docente alfabetizadora: usos elaborados/reela	Dissertação	2019

		borados.		
8	Juliana Cabral Junqueira de Castro	A representação do professor em Manuais do Professor de livros de alfabetização do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD	Tese	2019

Analisando os resultados, podemos perceber que as temáticas que envolvem metodologias/teorias de alfabetização são as mais recorrentes. No entanto, estudos que envolvem a representação do professor, seu processo de avaliação e estudos de recepção/utilização do livro em sala de aula também se fazem presentes.

Outro dado que merece ser destacado é que, no período analisado, dentro do banco de dados que esta pesquisa se propôs a investigar, apenas oito produções foram localizadas (quatro teses e quatro dissertações), sendo menos de uma por ano.

Tomando como referência os estudos anteriores, descritos no início desta investigação e os desenvolvidos por mim, pode-se concluir que, perpassados 62 anos, apenas 55 teses e dissertações foram produzidas dentro da temática de investigação deste estudo. Diante disso, pode-se concluir que a temática, além de relevante, precisa ser mais discutida no cenário acadêmico, uma vez que os livros de alfabetização são materiais presentes em todas as escolas brasileiras e em algumas delas o único material que os professores têm a sua disposição.

As pesquisas em torno da elaboração e do uso desse material nas salas de aulas de alfabetização precisam ser ampliadas e aprofundadas, no sentido de envolver cada vez mais pesquisadores interessados em uma reflexão sobre essas questões, sendo importante, para tanto, considerar teorias e paradigmas diferentes.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DE ANÁLISE

Neste capítulo apresentarei as questões teóricas e metodológicas que pautaram esta investigação. A unidade se subdividirá em duas partes: na primeira abordaremos as principais teorias que balizam o campo da alfabetização e do letramento, pois nosso objetivo é perceber como elas aparecem representadas no livro analisado; na segunda, apresentaremos o caminho da pesquisa, esclarecendo ao leitor o percurso metodológico percorrido durante a investigação.

2.1 CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO

As teorias/metodologias que tratam do processo de alfabetização são múltiplas e passaram por transformações ao longo do tempo. Até o início da segunda metade da década de 1980, os métodos clássicos de alfabetização preponderavam no cenário nacional. Mortatti (2006) explica que três diferentes métodos se alternavam, ora um, ora outro, ganhando posição de destaque, ditando o que era considerada a melhor forma de alfabetizar. Esses métodos foram denominados sintético, analítico e misto e tinham a preocupação com o “como se ensina” a ler e escrever (Ferreiro; Teberosky, 1985). A memorização e a cópia foram marcas destas metodologias.

Os métodos sintéticos poderiam ocorrer de três formas, em que todas priorizavam o ensino da leitura e da escrita tendo como ponto de partida as unidades menores que a palavra, tal como explicado por Mortatti (2004, p. 5).

[...] métodos de marcha sintética (da “parte” para o “todo”): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons partindo das sílabas). Dever-se-ia, assim, iniciar o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético), ou de seus sons (método fônico), ou das famílias silábicas (método da silabação), sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade.

Como os métodos sintéticos passaram a ser duramente criticados, surgiu uma segunda abordagem se contrapondo à primeira: os métodos analíticos. Segundo Mortatti (2006), esses métodos tinham como ponto de partida uma unidade de significado.

De acordo com esse método analítico, o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo “todo”, para depois se proceder à análise de suas partes constitutivas. No entanto, diferentes se foram tornando os modos de processuação do método, dependendo do que seus defensores consideravam o “todo”: a palavra, ou a sentença, ou a “historieta” (Mortatti, 2006, p. 7).

O analítico, que tinha como ponto de partida uma historieta, selecionava desta uma frase e depois uma palavra. Os que tinham como ponto de partida a frase destacavam desta uma palavra, que era analisada em detalhes, e os que partiam de uma palavra a tomavam como ponto de análise.

Como o problema da alfabetização não era solucionado com a utilização dos dois conjuntos de métodos anteriores, surgiu uma terceira via, que buscava resolver as dificuldades que envolviam o ensino e a aprendizagem que ainda persistiam. Este método era denominado misto, ou eclético ou, ainda, sintético-analítico. O método misto consistia na junção do método sintético com o analítico, buscando conciliar os dois tipos de ensino.

Na segunda metade da década de 1980, foi publicada no Brasil a obra *Psicogênese da Língua Escrita*, que se dedica a estudar como é organizado o pensamento da criança ao aprender a ler e escrever. A *Psicogênese* questiona a forma como a alfabetização vinha sendo discutida nas escolas realizando várias críticas aos métodos de alfabetização que vigoravam até o momento, denominando-os de *métodos tradicionais*. Segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), idealizadoras deste estudo, os métodos se preocupavam com o como se ensina a ler e escrever; no entanto, o foco do processo de alfabetização deveria ser como a criança aprende a ler e escrever. Esta teoria colocou a criança no centro do processo de aprendizagem, tornando-a protagonista do mesmo.

As pesquisas das autoras chamaram a atenção para as hipóteses que as crianças tinham com relação à leitura e à escrita mesmo antes de saberem ler e escrever de forma convencional, salientando a importância das experiências cotidianas que os pequenos tinham com a escrita em suas

vidas na elaboração de suas ideias, e o percurso que trilhavam até se tornarem alfabetizados.

A mão que escreve e o olho que lê estão sobre o comando de um cérebro que pensa sobre a escrita que existe em seu meio social e com a qual toma contato através da sua própria participação em atos que envolvem o ler ou o escrever. (Ferreiro; Teberosky, 1985, p. VIII)

As mesmas autoras agruparam as escritas das crianças em cinco níveis, de acordo com as hipóteses de escrita de cada indivíduo. No primeiro nível, denominado no Brasil de pré-silábico 1, o aluno começa a fazer sua primeira diferenciação entre o desenho e a escrita. É a fase conhecida como garatuja: nela a criança já consegue identificar que tanto o desenho quanto a escrita são formas de representação e a intenção de escrever prepondera sobre o conteúdo. No nível 2, pré-silábico 2, a criança utiliza rabiscos para representar sua escrita e já há a utilização de letras ou pseudoletas de forma aleatória. Para os estudantes desta etapa, a escrita não se relaciona com a fala e sim com as características dos objetos, o que se denomina de realismo nominal. Há também uma preocupação com a quantidade e a variedade de letras para escrever. Na fase seguinte, nível 3, silábico, a criança começa a ter consciência de que existe uma relação entre a fala e a escrita. Nesta etapa, os pequenos passam a representar uma letra para cada sílaba. No nível 4, fase silábico-alfabética, a criança amplia suas concepções e passa a identificar mais de uma letra para cada sílaba. Na hipótese alfabética, nível 5, a criança começa então a compreender que cada letra tem um respectivo som e começa então a formar as sílabas mais completas. Nesta fase ela ainda pode omitir ou trocar as letras, pois ainda não está completamente alfabetizada, mas percorrendo o caminho para chegar a uma escrita ortográfica.

É importante mencionar que, embora o estudo desenvolvido tenha sido revolucionário para a época, atualmente ele tem passado por algumas críticas no que diz respeito a essa progressão de níveis que as crianças deveriam passar para se tornarem alfabetizadas, dando destaque ao papel do professor neste processo (Piccoli, Camini, 2012). Embora a teoria de Ferreiro e Teberosky (1985) passe por reflexões, seu legado ainda é

considerado como atual e influencia na prática docente e na elaboração de materiais didáticos.

Outro conceito que surgiu na segunda metade década de 1980 e que foi um divisor de águas na forma como a alfabetização vinha sendo pensada é o de Letramento. Este conceito diz respeito a um conjunto de práticas sociais e de uso da escrita, ou seja, é aquilo que as pessoas fazem com a escrita ou a partir dela.

Soares (2000, p. 18) afirma: “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.”

Podemos dizer então, que o letramento vai possibilitar ao estudante a condição de atuar no meio social, utilizando o domínio da leitura e da escrita, de interagir socialmente nos diversos contextos de uso da língua. Mas o que quer dizer usar os diversos contextos do uso da língua? A autora defende que a escola apresenta variados tipos de gêneros textuais e espera que o aluno compreenda e seja capaz de produzir um bilhete, uma receita e, no futuro, saiba atuar como cidadão relacionando o uso da escrita na sociedade.

É importante mencionar que também é considerado letrado o indivíduo que não tem conhecimento da leitura e da escrita, mas que, no seu dia a dia, tanto a leitura quanto a escrita têm uma presença forte, pois, se esse cidadão ouve histórias, relatos e cartas de pessoas alfabetizadas, se dita cartas para que outros escrevam, se tem contato com livros, revistas e jornais, este cidadão é também considerado letrado, uma vez que pratica a leitura e a escrita através do uso social.

Soares (2022, p. 32) ressalta que:

Letramento é um conceito complexo e diversificado. Em primeiro lugar porque são várias e heterogêneas as práticas sociais que envolvem a escrita em diferentes contextos - na família, no trabalho, na igreja, nas mídias impressas ou digitais, em grupos sociais com diferentes valores e comportamentos de interação.

A partir dessa reflexão, é possível pensar que o letramento, assim como a alfabetização, refere-se a práticas que envolvem a linguagem e uma complementa a outra: a alfabetização permite a apropriação da leitura e da escrita e o letramento a prática de como a usar essas habilidades na sociedade.

Cabe ao professor proporcionar acesso aos diversos gêneros textuais durante o processo de alfabetização dos alunos, para que possam ter esse contato e a partir da leitura dos textos, sejam eles longos ou curtos, praticar a leitura e desenvolver a compreensão leitora, ampliando, assim, seu vocabulário, tornando esse conjunto de aprendizagem uma forma de desenvolver o letramento dentro das salas de aulas, ou seja, “alfabetizar letrando” (Soares, 2022).

A alfabetização e letramento devem ocorrer de forma simultânea. Esse processo deve possibilitar ao aluno inserir-se na sociedade letrada fazendo o uso da escrita e da leitura de forma eficiente.

Mais recentemente tem ganhado espaço, no cenário nacional, os estudos referentes à consciência fonológica. Entende-se por consciência fonológica a capacidade de compreender que a linguagem oral pode ser separada em partes cada vez menores e que a palavra é composta por uma sequência de sons. Neste sentido, a consciência fonológica desempenha uma função significativa no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, pois a criança necessita desenvolver essa consciência para apropriar-se do Sistema de Escrita Alfabético (Morais, 2019).

Para Moraes (2019), a consciência fonológica é um vasto conjunto de habilidades que permite a criança refletir sobre as partes sonoras das palavras, podendo assim: separar, juntar, contar, comparar o tamanho das palavras, bem como refletir sobre as rimas, aliterações, fonemas, sílabas, dentre outras habilidades.

Desta forma, as habilidades de consciência fonológica permitem ao aprendiz uma reflexão aprofundada sobre o sistema de escrita, tendo oportunidade de pensar sobre as palavras em sua dimensão sonora. Na visão de Moraes (2019, p.35), “nossas crianças podem refletir cedo sobre as partes orais das palavras, brincando com sílabas, com rimas e pensando sobre qual relação aqueles pedaços orais têm com as letras que usamos para escrever”.

O autor compreende que a consciência fonológica se refere à capacidade metalinguística, quando a criança é capaz de analisar e refletir sobre a estrutura fonológica da linguagem oral.

Cabe ao professor mediador explorar com os alunos em processo de alfabetização a escrita de palavras no quadro, em cartazes ou por meio do alfabeto móvel, pois a criança começa a notar que o som da fala se relaciona

com a escrita e vai percebendo que segmentos da palavra podem ser iguais ou não. Desenvolver sensibilidade a rimas, aliterações, segmentação silábica e mais tarde a consciência fonêmica é fundamental para que a criança se torne alfabetizada.

Analisando o cenário descrito, percebemos dois grandes momentos na história da alfabetização em nosso país, um anterior à década de 1980 em que os métodos sintéticos, analíticos e mistos disputavam espaços e outro posterior a esta década, em que os discursos da psicogênese, do letramento e da consciência fonológica parecem conviver mais harmoniosamente, colaborando um com o outro.

Com a promulgação da Política Nacional de Alfabetização (PNA), em 2019, as teorias que pautaram a alfabetização nos últimos quarenta anos passam a ser questionadas. O decreto pauta suas orientações na ciência cognitiva da leitura e na instrução fônica. Dentro desta concepção, a neurociência estaria servindo de base para as descobertas que dizem respeito ao ensino da leitura e da escrita.

Segundo a PNA (Brasil, 2019, p. 28):

[...] Para ler um texto com compreensão, é preciso adquirir várias habilidades. Algumas delas não necessitam de instrução explícita e sistemática, como conhecimento de mundo, conhecimento morfosintático, raciocínio verbal e familiaridade com livros e outros materiais impressos. Outras exigem ensino explícito, como a consciência fonêmica e a decodificação de palavras – da qual resulta o reconhecimento automático de palavras [...]

Como evidenciado na citação acima, a consciência fonêmica é um dos principais pontos de partida para o ensino da leitura e da escrita defendidos pela PNA. O documento completa afirmando que, para que haja um processo significativo, a criança precisa saber sobre:

[...] a consciência fonêmica, a instrução fônica sistemática, a fluência em leitura oral, o desenvolvimento de vocabulário e a compreensão de textos. Pesquisas mais recentes, no entanto, recomendam a inserção de outro componente, a produção de escrita, e assim se obtêm os seis componentes propostos pela PNA, nos quais se devem apoiar os bons currículos e as boas práticas de alfabetização baseada em evidências. [...] (Brasil, 2019, p. 32)

Esta forma de alfabetizar em muito se assemelha com o antigo método sintético de alfabetização, o método fônico, agora embasado em novas teorias

de aprendizagem, o que consideram evidências científicas. Esta forma de pensar a alfabetização tem sido criticada pela grande maioria dos pesquisadores e estudiosos brasileiros que se dedicam à alfabetização, tomando-a como uma visão reducionista e negacionista do que vem sendo pesquisado nos últimos quarenta anos em nosso país.

Concluída esta breve retomada sobre as principais teorias/metodologias por que passou a alfabetização em nosso país, passamos a descrever o caminho metodológico desta investigação.

2.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Definida brevemente a fundamentação teórica do estudo, passamos para a metodologia utilizada, que, como informado anteriormente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo documental.

Cardano (2017) caracteriza a pesquisa qualitativa como sendo um estilo que prefere o aprofundamento do detalhe, a reconstrução de estudos intensivos envolvendo um pequeno número de materiais, indivíduos, em relação aos estudos extensivos. “Com essa escolha metodológica a pesquisa qualitativa responde de forma específica a uma exigência geral que recobre o inteiro domínio da pesquisa social, aquela de guiar a complexidade dos fenômenos em estudo” (Cardano, 2017, p. 24). Além disso, a pesquisa qualitativa segue um processo de indagação flexível em uma perspectiva descritiva, sendo assim, o documento aqui mencionado cristaliza uma forma de pensar e de agir de uma época e constitui uma fonte de onde podem ser retiradas informações para o pesquisador.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, Silva (2018, p. 22) pondera que:

[...] O foco da pesquisa qualitativa demanda compreender e aprofundar o conhecimento sobre os fenômenos desde a percepção dos participantes ante um contexto natural e relacional da realidade que os rodeia [...]

Com relação à abordagem documental, Godoy (1995, p.21) explica que se trata do “exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ou interpretações complementares”.

Uma vez definido o tema desta pesquisa, alfabetização e livros didáticos, o objetivo da pesquisa, analisar as concepções de alfabetização presentes nos livros didáticos da edição do PNLD 2023, e a metodologia utilizada, passamos para a seleção dos materiais analisados. Decidimos que analisaríamos o livro de alfabetização/língua portuguesa, destinado ao primeiro ano do Ensino Fundamental, mais escolhido pelas escolas municipais de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Para isso, realizamos uma pesquisa junto ao site do Sistema do Material Didático (SIMAD). Os dados referente aos livros escolhidos por cada escola estão no quadro a seguir.

Livro:	Ápis Mais	Mundo de Explorações	Bem me quer mais	A conquista	Entrelaços	Aprender juntos	Da escola para o mundo	Pitangá
Qtd. de Escolas:	17	10	7	9	5	3	1	2
Escolas:	1. EMEB Dr Liberato Salzano Vieira da Cunha 2. EMEF Décio Martins Costa . EMEF Depois Victor Issler . EMEF Grande Oriente do Rio Grande do Sul . EMEF João Antônio Satte . EMEF José Loureiro da Silva . EMEF José Mariano Beck . EMEF Ludovico Fanton da Cruz . EMEF Nossa Senhora do Carmo . EMEF Prof Gilberto Jorge Gonçalves da Silva . EMEF Prof Judith Macedo de Araújo . EMEF São Pedro . EMEF Sen Alberto Pasqualini . EMEF Ver Antônio Giudice . EMEF Ver Carlos Pessoa de Brum . EMEF Wenceslau Fontoura	. EMEEF Prof. Elyseu Paglioli . EMEEF Prof Luis Francisco Lucena Borges . EMEEF Prof Lygia Marrone Averbuck . EMEEF Tristão Sacudiram Vianna . EMEF de surdos e bilíngues Salomão Watnick . EMEF Gov Ildo Meneghetti . EMEF Mario Quintana . EMEF Porto Novo . EMEF Ver Martim Aranha . EMEF Vila Monte Cristo	. EMEF Afonso Guerreiro Lima . EMEF Chapéu do sol . EMEF Dolores Alcaraz Caldas . EMEF Pepita de Leão . EMEF Presidente Vargas . EMEF Prof Larry José Ribeiro Alves . EMEF Timbaúva	. EMEF América . EMEF Chico Mendes . EMEF Marcirio Goulart Loureiro . EMEF Heitor Villa Lobos . EMEF Jean Piaget . EMEF Lauro Rodrigues . EMEF Nossa Senhora de Fátima . EMEF Prof Anísio Teixeira . EMEF Saint Hilaire	. EMEF Arame Silva . EMEF Campos do Cristal . EMEF Moradas da Hípica . EMEF Professora Ana Iris do Amaral . *EMEM Emilio Meyer	. EMEF Gabriel Obino . EMEF Neusa Goulart Brito lá . EMEF Rincão	. EMEF Leocadia Felizardo Prestes	. EMEF Migrantes . EMEF Pres João Belchior Marques Goulart

As informações coletadas demonstram que 17 escolas escolheram o livro *Ápis Mais* da Editora Ática, enquanto 10 escolas optaram pelo livro *Mundo de Explorações*, 7 escolas selecionaram o livro *Bem Me Quer Mais* e 9 escolas escolheram o livro *A conquista*. O livro *Entrelaços* foi solicitado por 4 escolas e o livro *Aprender juntos* por 3 instituições de ensino. O livro *Da Escola para o Mundo*, foi escolhido por apenas 1 escola, enquanto o livro *Pitanguá* foi escolhido por 2.

Diante do resultado desta pesquisa inicial, a fonte de dados analisada nesta investigação é a obra didática *Ápis Mais: Língua Portuguesa - Manual do Professor*, da editora Ática, do ano de 2023, objeto 1 do PNLD, de autoria de Ana Trinconi, Terezinha e Bertin, Vera Marchezi, destinada a crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental. Optamos por analisar o Manual do Professor, pois, além de reproduzir o Livro do Estudante, ele contém orientações de como o docente deve conduzir as atividades, além do referencial teórico que serve de suporte para a elaboração das mesmas. Deste Manual examinamos as orientações/sugestões referentes às propostas presentes no Livro do Estudante e as reproduções deste segundo material. Assim, será analisado: a capa, contra capa, as propostas metodológicas abordadas, com destaque para a que focaliza na letra B, imagens presentes no livro (desenhos ou fotos), tipos de letras utilizadas, estrutura e organização das atividades.

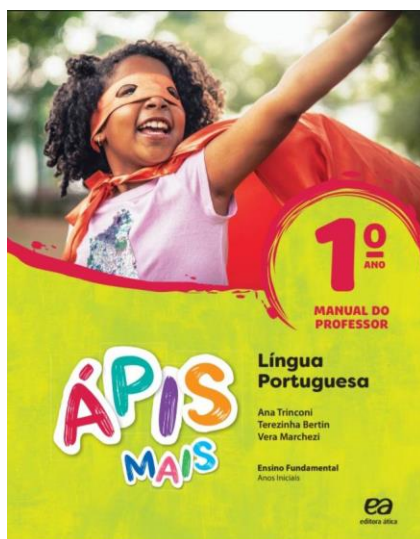
No capítulo a seguir, passaremos à apresentação e análise das atividades propostas.

3 ANÁLISE DO LIVRO *ÁPIS MAIS*

A obra escolhida para ser analisada é *Ápis Mais* da Editora Ática, sendo a obra mais escolhida pelos professores da rede municipal de ensino de Porto Alegre/RS a partir da qual desenvolvem a alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental. Trata-se da primeira edição produzida em 2021 e as autoras são Ana Trinconi, Terezinha Bertin e Vera Marchezi.

A análise foi feita a partir do Manual do Professor, em que, além das atividades propostas, o livro traz as orientações de como desenvolvê-las. Deste material analisaremos a capa, a contracapa, que descreve a formação e experiência profissional das autoras, e a unidade 2 que apresenta o trabalho com a primeira consoante, no caso, a letra B.

Figura 1 - Capa do livro *Ápis Mais* Língua Portuguesa (Manual do Professor).



Fonte: Trinconi, Bertin e Marchezi (2021).

A capa da obra didática *Ápis Mais* foi ilustrada por Bruna Assis Brasil, Camila de Godoy Teixeira, Denepwu e Silvana Rando. Nela consta uma menina negra com um sorriso estampado no rosto, vestindo uma capa e máscara de super herói. Ela está em um jardim com árvores e expressa um ar de diversão/felicidade no rosto. O título do livro está escrito em caixa alta com letras coloridas, a capa é verde e nela consta a etapa da educação básica a que é destinada, a área do conhecimento, os nomes das autoras e da editora.

Em relação aos elementos que contemplam a capa, é possível perceber a representatividade étnico racial expressa por uma menina negra com cachos. A fantasia da menina pode demonstrar a importância da criança negra se ver representada em livros didáticos, de ser livre e poder ser o que quiser, um herói, um leitor, um pensador e etc.

Segundo Silva e Furlan (2022, p. 102.)

[...] é urgente a reflexão sobre a presença da representatividade da criança negra no convívio social das crianças e nos espaços infantis, a partir das interações, trocas de experiências, culturas, valores, leituras de mundo, peculiaridades entre crianças, reconhecimento das identidades, autoestima, autodeterminação, diversidade étnica, etc.

A contracapa do livro mostra a apresentação das autoras bem como sua formação acadêmica, além de mencionar o local, São Paulo, e o ano de publicação 2021, indicando ainda que esta é a 1ª edição do livro neste formato, uma vez que a coleção Ápis faz parte do PNLD desde 2013, sempre sendo uma das mais escolhidas pelos professores (Silva; Silveira, 2022).

Quanto à formação das autoras e suas experiências profissionais: Ana Trinconi, se formou em Letras, pela Universidade de São Paulo (USP) e em Pedagogia pela Unifai – SP, é mestra em Letras pela mesma Universidade, tem pós-graduação em estudos comparados de Literatura de Língua Portuguesa, é especialista em práticas da leitura na sociedade da informação e professora de Língua Portuguesa do ensino fundamental da rede privada municipal e estadual de São Paulo.

Terezinha Bertin é formada em Licenciatura em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). É mestre em Ciências da Comunicação pela mesma universidade, tem pós graduação em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC – SP) e já foi professora de Língua Portuguesa do ensino fundamental da rede municipal e do ensino médio na rede estadual de São Paulo, também já foi professora universitária. Atualmente é assessora e palestrante em escolas da rede pública e privada especialmente na área de Práticas e Metodologias para o ensino de Língua Portuguesa.

Autora Vera Marchezi é licenciada em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP - SP), é mestra em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e tem pós graduação em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa pela mesma universidade (USP), atualmente é professora de Língua

Portuguesa do ensino fundamental nas redes municipal e privada no estado de São Paulo.

Teixeira e Silva (2023) explicam sobre a importância de se identificar a formação acadêmica e as experiências profissionais dos envolvidos na produção de documentos legais ou impressos da área da educação, pois a formação nos diz sobre como as pessoas pensam, como constroem os conhecimentos e as concepções que julgam ser verdadeiras, pois ela legitima os discursos que os autores defendem. Para Foucault (2008) é importante descrevermos sobre os lugares institucionais onde os profissionais adquirem seus discursos, pois estes são produzidos no interior desses locais institucionais constroem a subjetividade dos sujeitos, legitimando-os e inserindo-os no jogo de saber-poder.

A descrição das experiências profissionais são outra forma de legitimar o poder discursivo de quem produz estes materiais, pois pretendem convencer os leitores que as autoras são qualificadas para desempenhar o papel de produzir um livro didático de Língua Portuguesa.

Na sequência, faremos a análise da unidade 2 que apresenta, como objetivo identificar os elementos do discurso narrativo, desenvolver o vocabulário e identificar os fonemas através da apresentação da letra B (Trinconi, Bertin e Marchezi, 2021).

O Manual do Professor tem os componentes essenciais do PNA para a alfabetização a ser abordada nesta unidade, que são: consciência fonêmica, instrução fônica sistemática, desenvolvimento de vocabulário, fluência em leitura oral, compreensão de textos e produção de escrita. Ao que parece, a PNA e a BNCC são as concepções balizadoras desta produção.

Figura 2 - Unidade 2: Interpretação de texto (Manual do Professor)



Fonte: Trinconi, Bertin e Marchezi (2021, p. 50).

Observando a primeira proposta da unidade 2, podemos ver que são duas meninas, Bia e Paula, brincando de sombras com a lanterna e as mãos.

Seguindo, têm as orientações da professora. As imagens das sombras são coloridas e a letra das explicações são em caixa alta, as orientações da docente são apresentadas por tópicos: é o passo a passo da brincadeira de Bia e Paula, na qual os alunos devem pegar uma lanterna e a professora precisa escurecer a sala de aula. Os estudantes devem se posicionar em uma parede da sala e criarem imagens com as mãos em frente à luz da lanterna. Por fim, os colegas devem adivinhar qual figura estão criando.

Nesta atividade, foi usado o texto instrucional para compor a atividade. O Manual do Professor chama a atenção para o uso dos verbos nos enunciados do exercício, uma forma de desenvolver a habilidade de ler e compreender gêneros textuais do campo da vida cotidiana, em acordo com a BNCC. Ainda cita que a brincadeira de sombras auxilia a antecipação dos sentidos da história apresentada na sequência, facilitando as inferências na leitura.

Soares (2022, p. 205) ressalta que:

Durante o processo de alfabetização, as crianças vão construindo o conceito de texto que, aliás, algumas costumam já trazer de casa ao entrarem na educação infantil ou mesmo diretamente no ensino

fundamental, caso tenham tido oportunidades, no contexto familiar, de contato com livros infantis e de ouvir histórias lidas por adultos. Cabe, porém, à escola planejar de forma sistemática a leitura e compreensão de textos, tanto para crianças que ainda não saibam ler como para crianças já alfabetizadas.

Sendo assim, as ações propostas no início da unidade 2 nos mostram que o gênero textual, no caso manual de instrução, na atividade de sombras, é um elemento rico para orientar as atividades propostas, além de inserir a criança no mundo da leitura e escrita, como propõe o conceito de letramento.

Figura 3 - Unidade 2: Compreensão do texto e vocabulário (Manual do Professor)

VOCÊS JÁ OUVIRAM FALAR DO **BICHO-PAPÃO**?
BIA E PAULA TROUXERAM A HISTÓRIA DELE.
A SEGUIR, OBSERVEM OS PERSONAGENS DESSA HISTÓRIA. ELES PARECEM ASSUSTADOS. O QUE SERÁ QUE ACONTECEU?

LEITURA: HISTÓRIA

- ACOMPANHE A LEITURA DA PROFESSORA. OBSERVE QUE ELA LERÁ DA ESQUERDA PARA A DIREITA, E DE CIMA PARA BAIXO.

BICHO-PAPÃO!

O PATO ANDAVA PELO QUINTAL.
– CHII!... – ELE DISSE. – TEM UM BICHO NO MURO.
CHEGOU O GALO E O PATO FALOU:
– VEJA!... TEM UM BICHO **ESQUISITO** NO MURO.
– CRUZES!... – FALOU O GALO.
CHEGOU O GATO E O GALO DISSE:
– CUIDADO!... TEM UM BICHO ESTRANHO NO MURO.
– NOSSA!... – DISSE O GATO. – PARECE QUE ELE ESTÁ CRESCENDO. [...]

CHEGOU O BODE E O GATO FALOU:
– ATENÇÃO!... TEM UM BICHO **ENORME** NO MURO.
– PUXA!... QUE MEDO! – DISSE O BODE. [...]
– PARECE UM BICHO-PAPÃO!... – FALOU O PATO. [...]
ELES TREMIAM DE MEDO.

O QUE VOCÊ ACHA QUE VAI ACONTECER? ACOMPANHE.

BICHO-PAPÃO: MONSTRO IMAGINÁRIO DO QUAL AS PESSOAS FALAM PARA ASSUSTAR CRIANÇAS.
ESQUISITO: ESTRANHO.
ENORME: MUITO GRANDE.

51

Fonte: Trinconi, Bertin e Marchezi (2021, p. 51).

Seguindo para a página 51 do Manual do Professor, a atividade proposta trata da leitura de uma história. A parte superior da página inicia com uma pergunta: *Vocês já ouviram falar do bicho-papão?* Em seguida aparecem as mesmas meninas da página anterior, Bia e Paula, que apresentam a história e aqui pedem para as crianças usuárias do livro observarem os personagens para perceber como eles aparecem assustados, finalizando com outra pergunta: *O que será que aconteceu?*

No Manual do Professor, na parte superior direita do livro, informa que é fundamental que todos os enunciados sejam lidos devagar, com expressividade, fazendo paradas para perguntar aos estudantes o que estão entendendo, preparando-os para a leitura do texto, permitindo que os mesmos desenvolvam predições e inferências. Cabe lembrar que “enunciados” são gêneros textuais que pertencem ao campo das práticas de estudos e pesquisa. (BNCC - EF12LP17).

Dando continuidade, em caixa alta e na cor vermelha vem o título “*Leitura: história*” e abaixo do enunciado informa: “Acompanhe a leitura da professora, observe que ela lerá da esquerda para a direita, e de cima para baixo”.

Soares (2022, p. 205) ressalta que:

A criança, antes mesmo de saber ler, compreende que livros contêm contos, já aprende convenções do texto - como linearidade, direção da esquerda para a direita, de cima para baixo, já diferencia e relaciona escrita e ilustração, já tem oportunidades de ampliar seu vocabulário.

Assim, a professora pode fazer a leitura e mostrar para a turma como é realizada sua orientação nas linhas e na página, que é de cima para baixo e da esquerda para a direita. Na lateral direita do Manual do Professor, ainda tem como sugestão de explicação do que é o gênero história, que se trata de um gênero do âmbito do narrador, ficcional, que atende às práticas sociais do campo artístico-literário.

Ainda traz a importância de que, na oralidade, os estudantes observem os elementos da narrativa: personagens, enredo, tempo, espaço. (BNCC - EF01LP26).

Piccoli e Camini (2012, p. 64) abordam sobre:

Não é por que a criança ainda não consegue ler o texto, em sua totalidade que ela não é capaz de produzir sentidos para ele, baseada em alguns indícios que ela recolheu no contato com o texto. Tal comportamento requer a intervenção contínua da professora ao longo do ano, ensinando a criança a “andar” pelo texto, localizando informações, tecendo hipóteses sobre elas, assim como sobre o funcionamento das estruturas linguísticas encontradas nos textos.

Assim como as autoras citaram, no Manual do Professor também é mencionada, como atividade preparatória, que o professor oriente os alunos a acompanharem o sentido da leitura, podendo utilizar o dedo ou um lápis para perceberem o movimento e fazer paradas ao longo da leitura do texto.

Dando continuidade, o livro apresenta a história “*Bicho – Papão*”, que está escrita em caixa alta e, no final, apresenta mais uma pergunta: *O que você acha que vai acontecer? Acompanhe.* Nesta pergunta, as pontuações estão em destaque para que a criança já comece a se familiarizar com o conteúdo. Ainda no Manual do Professor, é orientado que se explique o que é um travessão inicial, como marca da fala dos personagens, e também indica que, se o professor achar pertinente, pode pedir que os alunos marquem esses travessões.

Na lateral da página, tem a imagem dos personagens da história, bem coloridos e um glossário com o significado das palavras bicho - papão, esquisito e enorme. No Manual do Professor, também é sugerido que se explorem essas palavras com os alunos e que pergunte se existe alguma outra palavra que eles ainda não conhecem o seu significado, sugerindo que as procurem no dicionário junto com a turma. Também é indicado que se solicite que os alunos façam a leitura em voz alta dessas palavras e que formem frases utilizando-as, para que as crianças possam ir desenvolvendo o seu vocabulário.

Figura 4 - Unidade 2: Compreensão do texto (Manual do Professor)

MAS O GATO OLHOU PARA TRÁS E FALOU:
- VEJAM!... VEJAM QUEM ESTÁ ALI!...

MARY FRANÇA E ELIARDO FRANÇA. **BICHO-PAPÃO!** SÃO PAULO: GLOBAL, 2011.



COMPREENSÃO DO TEXTO
ATIVIDADE ORAL E ESCRITA

1. ESTA É UMA HISTÓRIA INVENTADA, OS ANIMAIS QUE PARTICIPAM DA HISTÓRIA SÃO OS PERSONAGENS. CIRCULE O PERSONAGEM QUE É O PRIMEIRO A VER ALGO ESTRANHO NO MURO.



52

Fonte: Trinconi, Bertin e Marchezi (2021).

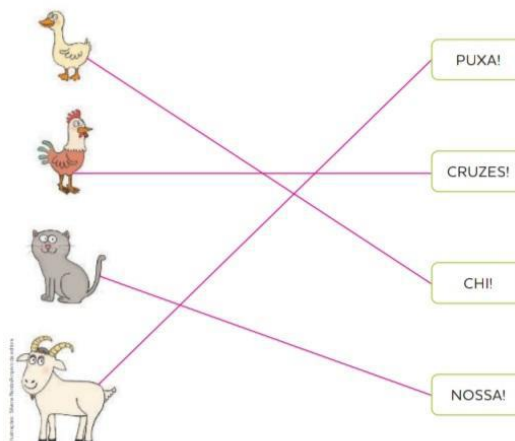
A página 52 inicia com a finalização da história do Bicho-Papão. Em seguida, apresenta a imagem dos personagens e um ratinho segurando uma lanterna que realça uma sombra na parede, assim como as crianças já haviam brincado no início da unidade. Também tem a imagem original do livro *Bicho - Papão* e o nome da autora. No Manual do Professor, tem uma breve explicação sobre a autora e quem fez a ilustração do livro.

Em seguida, na parte inferior da página, tem atividade sobre compreensão do texto, tanto oral quanto escrita. Aqui os alunos devem circular o primeiro personagem da história que viu alguma coisa estranha. Os animais são todos coloridos, isso faz com que o professor ganhe mais tempo no decorrer das suas aulas focando exatamente na aprendizagem dos alunos e facilitando que os mesmos não tenham que sempre colorir as atividades propostas. O Manual do Professor mostra os seguintes objetivos referente a esta proposta: compreender a ordem dos fatos que acontecem na narrativa; lembrar os alunos o significado da palavra personagens, lembrar os alunos que os personagens são animais.

Figura 5 - Unidade 2: Personagens (Manual do Professor)

2. CADA PERSONAGEM USOU UMA PALAVRA PARA DEMONSTRAR ESPANTO.

LIGUE A EXPRESSÃO AO PERSONAGEM QUE A FALOU.



3. ESCREVA QUAL PERSONAGEM ACHOU QUE TINHA VISTO UM BICHO-PAPÃO.

O PATO.

4. ESCREVA QUAL FOI O PERSONAGEM CAUSADOR DA CONFUSÃO.

O RATO.

5. CONVERSE COM OS COLEGAS, OS ANIMAIS PENSARAM QUE TINHAM VISTO UM BICHO-PAPÃO, E VOCÊS ACHAM QUE O BICHO-PAPÃO EXISTE, OU É ALGO DE NOSSA IMAGINAÇÃO? Resposta pessoal.

A página 53 apresenta a continuação das atividades da página anterior, sendo propostas mais quatro atividades.

Na atividade 2 da sequência, os alunos devem ligar o personagem a sua fala de espanto. Para crianças no princípio do processo de alfabetização, seria mais significativo relacionar a imagem ao nome. Ferreiro e Teberosky (1985) apontam para a dificuldade inicial de reconhecer palavras com pouca quantidade e variedade de caracteres. Além disso, o manual sugere a exploração da pontuação, outro conhecimento ainda distante na alfabetização inicial.

Nas atividades 3 e 4, o objetivo principal é a escrita de palavras. Na atividade 3, o aluno deve escrever que personagem achou que tinha visto um Bicho – Papão. Na atividade 4, os alunos devem fazer a escrita do nome do personagem que causou a confusão na história, enquanto que, na atividade 5, uma resposta mais livre, de opinião, é solicitada. Analisando as três questões, percebemos que elas abordam objetivos diferentes, sendo a primeira de localização de informações, a segunda de interpretação e a terceira de criação. No Manual do Professor, as respostas a estas questões estão escritas dentro da hipótese alfabética de escrita, desconsiderando outras possibilidades. A expressão “escreva do seu jeito” também não se faz presente, fazendo-nos inferir que somente a escrita ortográfica da palavra deve ser aceita como correta, desconsiderando as hipóteses psicogenéticas apresentadas por Ferreiro e Teberosky (1985).

Soares (2016, p. 209) ressalta que:

O simples contato com as letras, a memorização da escrita do próprio nome ou eventualmente de outros nomes, a recitação do alfabeto, caracterizam o momento apenas inicial do desenvolvimento da criança em direção à compreensão da natureza das relações entre letras e a língua escrita, ou seja, em direção à consciência fonêmica.

A forma como estas propostas são apresentadas parecem afirmar a hipótese que o discurso da PNA sobre a alfabetização pauta a produção do material analisado.

Figura 6 - Unidade 2: Vocabulário e Leitura oral (Manual do Professor)

VOCABULÁRIO EM FOCO

- OUÇA A FRASE QUE A PROFESSORA VAI LER:
OS BICHOS VIRAM UMA SOMBRA **MUITO, MUITO GRANDE...**

PINTE A PALAVRA QUE PODE SER COLOCADA NO LUGAR DAS PALAVRAS DESTACADAS:

ESQUISITA ENORME ASSUSTADORA ESTRANHA

6. PINTE O QUE MOSTRA A INTENÇÃO DESSA HISTÓRIA.

A) APENAS AMEDRONTAR O LEITOR.

B) DIVERTIR O LEITOR.

LEITURA ORAL EM FOCO 📖

- VOCÊS VÃO ACOMPANHAR COM UM LÁPIS A RELEITURA DA PROFESSORA. TODA VEZ QUE ELA LER A FALA DE UM PERSONAGEM, LEVANTE A MÃO QUEM QUISER LER OU FALAR O QUE O PERSONAGEM DISSE.

PRÁTICA DE ORALIDADE

CONVERSA EM JOGO

🗣️ HISTÓRIAS QUE O POVO CONTA...

- NA HISTÓRIA, O PATO FALA EM **BICHO-PAPÃO**. ESSE É UM PERSONAGEM CRIADO PELA IMAGINAÇÃO. FAZ PARTE DE HISTÓRIAS QUE VÃO SENDO CONTADAS DE UMA PESSOA PARA OUTRA.
- VOCÊS CONHECEM OUTROS PERSONAGENS DA IMAGINAÇÃO?
- CONVERSEM SOBRE ISSO.



54

Fonte: Trinconi, Bertin e Marchezi (2021, p. 54).

No Manual do Professor, na página 54, encontramos no canto esquerdo superior uma sugestão de que o professor pode relacionar a expressão de sentimento que isso causou nos personagens. Nesta proposta a ideia é trabalhar o sinônimo das palavras, com o objetivo de que, ao longo de suas aprendizagens, os alunos possam ir trocando as expressões por outras palavras do mesmo sentido.

Em caixa alta na cor verde, o enunciado da folha inicia com “O *vocabulário em foco*”. Aqui a tarefa é ouvir a frase que a professora vai ler em voz alta com as palavras “*muito, muito grande*” em destaque na cor vermelha. A atividade

consiste em os alunos pintarem a palavra indicada na atividade que pode ser colocada no lugar desse destaque. As palavras sugeridas são: esquisita, enorme, assustadora e estranha. Nesta tarefa será abordado o significado das palavras relacionando com outras que têm o mesmo sentido, ampliando o vocabulário das crianças.

No exercício 6, o aluno deve pintar o quadrado com a frase que mostra a intenção do texto: se é amedrontar o leitor ou se é divertir o leitor. O objetivo desta proposta é a leitura e interpretação de frases. O Manual do Professor apresenta como objetivo a habilidade de identificar a função do gênero textual na história. (BNCC - EF15LP01)

Ainda na página 54, em destaque em verde, há mais duas propostas, a primeira é *Leitura oral em foco* que propõe que a professora faça a releitura do texto e os alunos acompanhem utilizando um lápis. Toda vez que a professora ler a fala de um personagem, um aluno deverá levantar a mão e ler ou falar o que o personagem disse. Neste trecho, a pontuação (vírgula) também está em realce.

No Manual do Professor, sugere-se que a professora dê evidência novamente para os travessões, que deixe os alunos falarem de forma espontânea a fala dos personagens, afinal, nesta faixa etária, as crianças ainda se sentem um pouco inseguras em suas leituras.

A segunda proposta é a denominada *Prática de oralidade, Conversa em jogo*. Nela é explicado que, na história, o pato fala em bicho-papão, e que esse é um personagem criado pela imaginação, faz parte de histórias que vão sendo contadas de uma pessoa para outra. Na sequência, apresenta-se uma pergunta para as crianças “-Vocês conhecem outros personagens da imaginação?” e, por fim, “- Converse sobre isso”. Na parte inferior do livro, há novamente a imagem dos personagens bem coloridos. O Manual do Professor tem como destaque a relação do conteúdo abordado e salienta o papel do professor mediador que deve incentivar os alunos a lembrarem de outros personagens que povoam o imaginário como fantasmas, lobisomens, mulas sem cabeças e etc.

De acordo com Vygotsky:

O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos. (VYGOTSKY, 1987, p. 35).

Figura 7 - Unidade 2: Produção textual (Manual do Professor)

PRODUÇÃO DE TEXTO

RECONTAR A HISTÓRIA

1. OBSERVEM 3 MOMENTOS DA HISTÓRIA DO BICHO-PAPÃO.



2. CONVERSEM SOBRE A HISTÓRIA LIDA.

- QUAIS SÃO OS PERSONAGENS?
- ONDE ELES PARECEM ESTAR?
- O QUE ASSUSTOU O PATO?
- O QUE ACONTECEU DEPOIS?
- COMO FOI O FIM DA HISTÓRIA?

3. VAMOS REESCREVER ESSA HISTÓRIA? A PROFESSORA VAI REGISTRAR O QUE FOR SENDO CONTADO.

4. COPIE A HISTÓRIA NO CADERNO.

55

Fonte: Trinconi, Bertin e Marchezi (2021).

A página 55 inicia com a temática produção textual. Logo é solicitado que as crianças recontem a história. Podemos notar que a unidade 2 desenvolve de forma abrangente com as várias habilidades da área de linguagem, como: leitura, oralidade, análise linguística e textual e produção de texto. O texto, com o tema Bicho-Papão, é a unidade integradora da sequência de atividades elaborada. Soares (2022) aponta para a importância do texto no trabalho com as turmas de alfabetização.

O livro apresenta quatro propostas de atividades nesta página. Na primeira, os alunos devem observar três cenas da história. As imagens são coloridas: na primeira aparece o pato com a expressão de assustado e as asas e o bico aberto, na segunda há mais três personagens, todos com as mesmas

características de assustados com a boca aberta e os olhos arregalados, na última imagem, todos os personagens estão formando uma sombra enorme na parede do fundo, aparentando ser um monstro.

No Manual do Professor, no canto direito superior, há, como sugestão de atividade, que os alunos reconstruam o sentido global do texto, ainda que se explore as imagens, a fisionomia dos personagens, os traços ou linhas presentes no texto que indiquem movimento ou ação. Além disso, recomenda-se que se chame a atenção dos alunos para o início, o desenvolvimento e o desfecho da história.

Logo na segunda atividade da página 55 sugere-se que o professor converse com os alunos sobre a história lida: quais são os personagens, onde eles parecem estar, o que assustou o pato, o que aconteceu depois, como foi o fim da história. O principal objetivo desta atividade é o de identificar os personagens da narrativa, bem como o cenário da história, o tempo e o enredo da narrativa. Novamente se dá destaque para a pontuação (ponto de interrogação) e o trabalho com o gênero em foco na unidade.

Na atividade 3, é solicitado que a história seja reescrita com o auxílio do professor que irá registrar no quadro o que os alunos forem narrando. Nesta fase, é muito importante que as crianças criem suas narrativas, trata-se de uma tarefa coletiva que desenvolve a imaginação dos alunos. A tarefa do professor como escriba permite aos alunos que ainda não se alfabetizaram produzirem textos e se apropriarem do mesmo desenvolvendo atividades dentro do campo do letramento.

A proposta 4 é que os alunos façam a cópia do texto registrando no caderno. O Manual do Professor sugere que esse registro irá servir para que os alunos possam retornar ao texto sempre que tiverem dúvidas sobre sua distribuição gráfica. Esta atividade nos parece inapropriada em se tratando do início do primeiro ano, onde as crianças ainda não desenvolveram a habilidade de leitura e escrita, indo de encontro com um dos princípios balizadores da psicogênese que nos alerta que copiar não é escrever (Ferreiro; Teberosky, 1985).

Na página seguinte da unidade, tem início o trabalho de apresentação da consoante B. Aqui inicia-se um processo que dá ênfase à sistematização das questões que envolvem a alfabetização de uma forma mais específica.

Tomamos esta unidade como representativa das demais, pois todas seguem um padrão muito semelhante.

Figura 8 - Unidade 2: Letra B (Manual do Professor)

PALAVRAS EM JOGO

LETRA B

1. RELEIA O TÍTULO DO LIVRO.

BICHO-PAPÃO!

ESSE TÍTULO É UM NOME FORMADO POR 2 PALAVRAS

A) CIRCULE DE **AMARELO** A PRIMEIRA PALAVRA E DE **AZUL** A SEGUNDA.
Amarelo: bicho; azul: papão.

B) ESCREVA QUANTAS LETRAS EXISTEM NO TÍTULO: 10.

C) PINTE DE **VERMELHO** O SINAL QUE DIVIDE AS DUAS PALAVRAS E QUE NÃO É LETRA. *Os estudantes devem pintar o hífen.*

2. COM UM LÁPIS **VERMELHO** E UM **AZUL**, LIGUE AS LETRAS DESTACADAS ÀS PALAVRAS QUE COMEÇAM COM AS MESMAS LETRAS.

BICHO-PAPÃO

PAULA BIA PATO BODE

3. PINTE O NOME QUE CORRESPONDE A CADA FIGURA.

PITO **PATO** TAPO TOPA

GATO GOTA TAGO TOGA

56

Fonte: Trinconi, Bertin e Marchezi (2021, p. 56).

A página 56 inicia mostrando duas consoantes, B e P. Em seguida, destaca a consoante que será trabalhada, letra B. É solicitado que a criança releia o título da história que é formado por duas palavras (Bicho-Papão). Na sequência é solicitado às crianças que realizem três ações: a primeira que circulem de amarelo a primeira palavra do título e de azul a segunda. Aqui as cores solicitadas estão em destaque pela mesma cor escrita, facilitando a associação do aluno. A segunda é que escreva quantas letras existem no título e a terceira que pinte de vermelho (aqui novamente o nome da cor está em destaque pela cor) o sinal que divide as duas palavras e que não é uma letra.

Segundo o Manual do Professor, esta tarefa tem como objetivo desenvolver a consciência fonêmica e a instrução fônica sistemática, para que os alunos criem a relação entre fonemas e grafemas.

Soares2016, p. 191) ressalta que:

[...] Para apropriar-se da leitura e da escrita em um sistema alfabético, ela refaz a descoberta de que a palavra é uma cadeia sonora independente de seu significado é passível de ser segmentada em pequenas unidades, tornando-se consciente da estrutura fonológica interna das palavras; e ela aprende a invenção: a representação de cada uma dessas unidades por uma forma visual específica.

A segunda atividade proposta na página 56 é a de ligar com um lápis vermelho e um azul as letras destacadas nas palavras que comecem com as mesmas letras. Novamente o nome das cores está em destaque pela cor referente ao seu nome. As palavras Bicho e Papão também tem a sua primeira letra em destaque: a letra B em vermelho e a letra P em azul. O objetivo desta atividade é identificar palavras que iniciam com o mesmo tipo de letra; para isso, as crianças não precisam saber ler as palavras, basta identificar a letra inicial, exigindo dos pequenos pouco pensamento reflexivo sobre a escrita.

Na terceira atividade proposta, o aluno deve pintar o nome correspondente de cada figura, pato e gato. Todas as palavras sugeridas têm semelhanças e são grafadas com letras muito semelhantes, dificultando a identificação caso a criança não esteja alfabetizada ou identifique a palavra de forma global. Entra as grafias existe uma pseudopalavra “TAGO” confirmando que o material pauta as atividades tendo por base a ciência cognitiva da leitura, desconsiderando outros discursos como os da psicogênese.

No Manual do Professor, tem, como destaque, a avaliação processual formativa que, para apresentar o fonema da letra B, o aluno já deve ter como conhecimento prévio a diferenciação de letras e outros sinais, reconhecer as vogais e seus sons (fonemas), ter apropriação da sequência alfabética, identificar a palavra como um desenho global, mesmo que ainda não decodifique na leitura, ainda traz como destaque que se houver alunos com dificuldades nestes conteúdos que se deve fazer diferenciação pedagógica.

Para Santos (2009, p. 52):

[...] a diferenciação pedagógica constitui-se como uma resposta orientada pelo princípio do direito de todos à aprendizagem, essencial

para dar resposta à heterogeneidade de alunos que frequentam a escola atual.

Figura 9 - Unidade 2: Letra B (Manual do Professor)

4. CONTORNE APENAS AS PALAVRAS QUE COMEÇAM COM A LETRA **B**.

BICO PICO POTE BATATA BOTE BIDU

A) JUNTOS, LEIAM AS PALAVRAS QUE FORAM CONTORNADAS.
B) AGORA, AINDA JUNTOS, LEIAM AS PALAVRAS QUE NÃO FORAM CONTORNADAS, PICO, POTE.

5. ENCONTRE E PINTA A LETRA **B** NO ALFABETO.

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

6. PINTA A LETRA **B** NOS NOMES.

BEATRIZ EDU ALINE UBIRACI BÁRBARA ÁBEL

7. AS PALAVRAS A SEGUIR COMPLETAM A ADIVINHA. COPIE CADA PALAVRA NO ESPAÇO ADEQUADO.

BONECA BALA BOTA BEIJO BAÚ

ESTOU NO  NA  E NA 

BAÚ BONECA BALA

ESTOU NA  E NO 

BOTA BEIJO

MAS NÃO ENTRO NO QUEIJO QUEM SOU EU? A letra B.

57

Fonte: Trinconi, Bertin e Marchezi (2021, p.57).

Na próxima página do livro didático, se dá a sequência das atividades propostas a partir do trabalho com a letra B. A atividade 4 tem como objetivo identificar palavras que iniciam com a letra B. É solicitado que as crianças contornem apenas as palavras que comecem com a consoante B, são seis palavras e apenas quatro iniciam com a letra B. Em seguida, é solicitado que façam a leitura das palavras contornadas e, após, juntos, devem fazer a leitura das palavras que não foram contornadas.

Na atividade de número 5, os alunos devem colorir a letra B e identificar onde ela está na sequência alfabética. Na atividade 6 os alunos devem pintar a letra B nas palavras em destaque. No Manual do Professor, se solicita que façam a leitura oralmente de cada palavra para que exercitem a habilidade de reconhecer a escrita alfabética como representação dos sons da fala.

Consideramos estas atividades que envolvem a leitura bem difíceis de serem realizadas por alunos no início do processo de alfabetização, uma vez que a habilidade desenvolvida diz respeito a identificação da letra, sem exigir grande esforço de reflexão.

Na última atividade proposta, há uma caixa com 5 palavras e é solicitado que essas palavras completem a adivinha, o aluno deve copiar cada palavra no espaço adequado para elas.

Na linha de baixo tem a frase, o desenho em destaque e o espaço para a escrita do aluno. Segundo o Manual do Professor, esta atividade tem por objetivo que o aluno identifique as rimas e o ritmo de fala relacionados a seus efeitos de sentido. (BNCC - EF12LP07).

Analisando a sequência de atividades propostas, percebemos que poucas habilidades da consciência fonológica são desenvolvidas. O reconhecimento da grafia da letra B parece ser o principal objetivo, permitindo que em poucos momentos a criança reflita sobre a estrutura das palavras.

Figura 10 - Unidade 2: Letra B (Manual do Professor)

SÍLABAS

1. COM A AJUDA DA PROFESSORA, FALE AS PALAVRAS EM VOZ ALTA.

BODE 2 BOI 1

ALINE 3 BONECA 3

A) ESCREVA DENTRO DOS EM QUANTAS PARTES OU IMPULSOS VOCAIS VOCÊ FALOU CADA PALAVRA.

CADA PEDAÇO OU IMPULSO FALADO É UMA SÍLABA.

B) CONTORNE A PALAVRA QUE TEM MENOS SÍLABAS.

2. FALE AS PALAVRAS EM VOZ ALTA, PINTE OS DE ACORDO COM O NÚMERO DE SÍLABAS (PARTES) DE CADA UMA DELAS.

BATATAS

BOCA

BOLA

TRAÇADO DE LETRAS

LETRA B

BIA ACOMPANHOU VOCÊ NESTA UNIDADE.

BIA Bia BIA

58

Fonte: Trinconi, Bertin e Marchezi (2021, p. 58).

A próxima sequência de atividades tem como destaque o conteúdo: sílabas, proporcionando aos estudantes o trabalho com a consciência silábica.

São duas atividades propostas: na primeira é solicitado que, com a ajuda da professora, a criança fale as palavras em voz alta. No enunciado, novamente, a pontuação (vírgula) ganha destaque. Os alunos devem escrever, em cada quadradinho ao lado da palavra, o número de sílabas que cada uma tem. Ainda a página 58, explica que *cada pedaço ou impulso falado é uma sílaba*, nomenclaturas que consideramos ser desnecessárias a criança dominar. Em seguida os alunos devem contornar a palavra que tem menos sílabas.

Na segunda atividade pede-se que a criança fale as palavras em voz alta, pinte os quadrados de acordo com o número de sílabas (partes) de cada uma delas. São três imagens (Batata- Boca- Bola).

Soares (2016, p. 194) ressalta que:

A consciência silábica é fácil de adquirir porque sílabas podem ser produzidas isoladamente, pois constituem, repetindo a definição já citada de J. Morais et al. (1987: 430), “atos articulatórios unitários”. [...]

O final da página apresenta atividades com traçado da letra B. O enunciado destaca: “Bia acompanhou você nesta unidade” e, em uma caixa, aparecem três maneiras diferentes de escrever o nome Bia: com a letra de imprensa maiúscula e minúscula e letra cursiva, estas são formas de letras as quais as crianças podem ter maior contato, uma vez que muitos adultos escrevem com letra cursiva e as outras duas se apresentam em materiais destinados aos pequenos, como livros de literatura infantil. Ferreiro e Teberosky (1985) mencionam em seus estudos a dificuldade que algumas crianças, no início do processo de alfabetização, podem ter em identificar letras diferentes da maiúscula de imprensa, inferindo que esta seria a melhor a ser utilizada nesta etapa.

Figura 11 - Unidade 2: Letra B (Manual do Professor)

1. LEIAM O TEXTO JUNTOS E, DEPOIS, TRACEM AS LETRAS.

BORBOLETA ESCORREGA,
MAS NÃO CAI,
NASCE UMA ASA,
NASCE OUTRA ASA E SAI.



2. LIGUE AS LETRAS USANDO CORES.

- VERMELHO: PARA LIGAR AS LETRAS MAIÚSCULAS, - - - - -
- AZUL: PARA LIGAR AS LETRAS MINÚSCULAS, ———



3. AGORA, CONTORNE OS DIFERENTES FORMATOS DA LETRA B NAS PALAVRAS A SEGUIR.



59

Fonte: Trinconi, Bertin e Marchezi (2021, p. 59).

A última página analisada traz três atividades que trabalham o traçado da letra B. A proposta 1 solicita que a criança faça a leitura do texto em destaque e, em seguida, reproduza o traçado da letra B das três formas que já citamos. No Manual do Professor, destaca-se que essas habilidades possibilitam aos estudantes conhecerem, diferenciarem e relacionarem letras em formato imprensa e cursiva, maiúscula e minúscula. (BNCC - EF01LP11).

A segunda proposta é de ligar as letras usando cores em destaque: vermelho para ligar as letras maiúsculas e azul para ligar as letras minúsculas, sendo que, mais uma vez, o nome das cores estão representadas por elas mesmas. A atividade apresenta a letra B maiúscula e minúscula nos formatos imprensa e cursiva.

Na última atividade, os alunos têm seis palavras em destaque e devem contornar os diferentes formatos da letra B. São palavras com as letras maiúsculas e minúsculas, cursiva e de imprensa.

Podemos destacar que é de suma importância o contato com as diferentes formas de letras desde muito cedo, contribuindo com uma alfabetização de qualidade e dando o direito dos alunos terem contato com as diversas formas de leitura e escrita e como as letras se apresentam nos diferentes portadores de uso social, no entanto, as propostas apresentadas no trabalho com esta letra dão evidência à identificação e à cópia, sendo poucos os momentos em que há uma reflexão sobre as diferentes hipóteses que as crianças desenvolvem sobre a escrita.

As propostas apresentadas no livro têm por base a Política Nacional de Alfabetização, talvez isso explique a diferenciação de trabalho desta unidade, apresentando propostas bem mais significativas a partir do livro Bicho-papão e um tanto tradicionais no trabalho com a análise linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta investigação foi possível constatar, a partir da análise feita no livro didático do primeiro ano do Ensino Fundamental com foco na alfabetização dos Anos Iniciais, que este material está de acordo ao que o PNLD acredita ser adequado durante o ano de 2023.

O PNLD, como um programa brasileiro, está sempre se atualizando e buscando atender as demandas do Ministério da Educação e seus dispositivos legais. Percebe-se, ao analisar o livro, que os discursos da BNCC e da PNA são a base de sua elaboração.

Quanto às concepções de alfabetização presentes na unidade analisada, percebe-se um silenciamento com relação às teorias psicogenéticas de aprendizagem, menções às bases teóricas do letramento, tendo o texto como eixo desencadeador de várias atividades, e os discursos sobre consciência fonológica representados pela consciência silábica e principalmente pela consciência fonêmica.

Chama atenção a evidência dada ao reconhecimento e ao traçado da letra, que em muito lembra as estratégias mais tradicionais de alfabetização, e as poucas atividades que permitem o aluno refletir sobre a estrutura das palavras e seus respectivos sons.

Mediante tal análise, foi possível destacar o texto como o eixo central da aprendizagem, além do material abordar a ludicidade através dos gêneros textuais, contudo, estas questões aparecem de forma superficial, pois são poucos os momentos que os alunos têm contato com as temáticas.

Com relação às atividades didáticas analisadas nesta pesquisa no livro *Ápis Mais 2023*, vemos que estas partiram do texto gênero instrucional para compor as demais atividades apresentadas. O Manual do Professor também é de suma importância, pois mostra os objetivos a serem alcançados em cada atividade proposta, facilitando a prática de ensino do professor mediador, permitindo compreender melhor o que será abordado.

Por fim, conclui-se que o livro analisado apresenta algumas ferramentas para o processo de alfabetização, porém ainda é muito superficial, o que faz pensar que o profissional pedagogo deve manter-se atualizado e buscar constantemente uma construção teórica sobre assuntos da alfabetização e do letramento que contribuam para o processo de ensino e aprendizagem e que

levem a desenvolver uma aprendizagem significativa junto aos alunos, abordando outras correntes teóricas para além da ciência cognitiva e da instrução fônica.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, R. G. **As relações sons e letras/letras e sons em livros didáticos de alfabetização (PNLD 2010):** limitações e desafios ao encontro de uma abordagem discursiva de linguagem. 331f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2014.
- BATISTA, A. A. G.; ROJO, R. Livros escolares no Brasil: a produção científica. In: COSTA VAL, M. G.; MARCUSCHI, B. (orgs.). **Livros Didáticos de língua portuguesa:** letramento, inclusão e cidadania. Belo Horizonte: CEALE, Autêntica, 2008.
- BENITO, Augustín Escolano . Libros para la escuela: La primera generación de manuales escolares. In: BENITO, Augustín Escolano (org.). **História Ilustrada del libro escolar en España.** Madrid: Fundación germán Sánchez Ruipérez, 1997. p. 19-46.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA: Política Nacional de Alfabetização.** Brasília: MEC , Sealf: 2019.
- CARDANO, Mario. **Manual de pesquisa qualitativa:** a contribuição da teoria da argumentação. Petrópolis: Vozes, p. 23-46, 2017.
- CASTRO, J. C. J. **A representação do professor em Manuais do Professor de Livros de Alfabetização do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD.** 242f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2019.
- CORNÉLIO, S. D. V. **Perspectiva do letramento:** mudanças e permanências nos livros didáticos de alfabetização. 268f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2015.
- Estudos qualitativos: enfoques teóricos e técnicas de coletas de informações** / Raimundo Magalhães da Silva et al. (Orgs.). - Sobral: Edições UVA, 2018. Pg 22.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. (Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves). 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2008.
- FREITAS, V. A. **Letramento, alfabetização e formação cultural (Bildung):** sobre métodos, propostas de aquisição da língua escrita e livro didático de alfabetização para o 1º ano do Ensino Fundamental. 173f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2016.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29, mai./jun.1995.

Livro Ápis Mais. Edocente, 2023. Disponível em:
<https://www.edocente.com.br/pnld/apis-mais-lingua-portuguesa/>

MENDES, E. P. S. **A oralidade no programa nacional do livro didático (1998 – 2016)**: critérios de avaliação e perfil dos livros de alfabetização aprovados. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE, 2016.

Ministério da Educação. SIMAD (sistema do material didático) 2023. Disponível em:
<https://www.fnede.gov.br/distribuicaosimadnet/pesquisar?distribuicaoDTO.descricaoEntidade=&d-1775-p=1&comando=Confirmar&distribuicaoDTO.ufSelecionada=RS&distribuicaoDTO.anoProgramaSelecionado=2023&distribuicaoDTO.codigoMunicipioSelecionado=431490&expandir=false&distribuicaoDTO.codigoLocalizacaoSelecionado=TODAS&distribuicaoDTO.codigoTipoEntidadeSelecionado=TODOS&distribuicaoDTO.codigoEntidade=&distribuicaoDTO.codigoProgramaSelecionado=01&distribuicaoDTO.codigoEsferaSelecionado=2&ultimoCriterio=true>

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil. In: SEMINÁRIO ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM DEBATE, 2006, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: MEC, 2006.

OLIVEIRA, João Batista Araújo; GUIMARÃES, Sônia Dantas Pinto; BOMÉNY, Helena Maria Bousquet. **A política do livro didático**. São Paulo: Sammus, 1984.

PICCOLI, Luciana; CAMINI, Patrícia **Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade**. Porto Alegre: Edelbra, 2012.

PINTON, J. L. **O uso do livro didático de letramento e alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental**. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2013.

PNA: Política Nacional de Alfabetização. Brasília: MEC, Sealf: 2019. BRASIL. Ministério da Educação.

PUELLES BENÍTEZ, M. de P. Los manuales escolares: un nuevo campo de conocimiento. **Revista Interuniversitaria**- Historia de la Educación. Salamanca, n. 19, 2000, p. 5-10.

SANTOS, L. Diferenciação pedagógica: um desafio a enfrentar. **Revista Noesis** - *Reflexão e ação*, n. 79, p. 52-57, out 2009. Disponível em: <<http://www.dgidc.min-edu.pt/index.php?s=directorio&pid=172>> Acesso em: 05 de março de 2013. [Links]

SILVA, Thaise da. **Os “novos” discursos sobre alfabetização em análise:** os livros de 1º ano do ensino fundamental de nove anos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2010). 2012. 283 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SILVA, Thaise da; SILVEIRA, Ana Paula Sagrilo. Livros didáticos do PNLD (2013-2016): um retrato das concepções de alfabetização. IN: EDUCAÇÃO EM FOCO. ano 25, n. 45, jan-abr. 2022, p. 377-396, UEMG: Belo Horizonte - MG

SILVA, Alex Sander. FURLAN, Marta Regina. **Infâncias, experiências e os sentidos de ser criança negra na educação infantil**, Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/90944>

SOARES, M.B. **Alfabetização no Brasil:** o estado do conhecimento. Brasília: MEC/INEP, 1989.151p.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos.** São Paulo: Contexto, 2016. 384 pág.

Soares, Magda **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e escrever/** Magda Soares, - 1. ed. 4º reimpressão. - São Paulo: contexto, 2022

SOARES, Magda Becker, (1998). **Letramento: um tema em três gêneros.**Belo Horizonte: Autêntica.

SOARES, F. M. P. **Livro didático na prática docente alfabetizadora:** usos elaborados/reelaborados. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2019.

TEIXEIRA, Liziana Arâmbula; SILVA, Thaise da. Política Nacional de Alfabetização (2019): discurso em análise. Revista Poiesis. Tubarão/SC, 2023. (no prelo).

TIANA FERRER, A. (Org.) **El libro escolar, reflejo de intenciones políticas e influencias pedagógicas.** Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia-UNED, 2000.

VYGOTSKY, L. S. apud BORBA, Ângela Meyer. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo.** In: Brasil MEC/ SEB. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 35.